

CAMPANHA NÃO-ELEITORAL

Piseagrama

Fernanda Regaldo, Renata Marquez, Roberto Andrés e Wellington Cançado são os editores da revista *Piseagrama*: espaço público periódico. www.piseagrama.org

No dia 14 de setembro de 2012, em Belo Horizonte, uma pequena tropa de coladores de cartazes saiu do galpão de distribuição de material na hora costumeira, às 4 da manhã. Em vez dos cartazes usuais – propaganda política, espetáculos ou produtos de consumo – os rapazes e moças levavam coleções de cinco cartazes, cada um com uma cor, cada um com uma frase. Seguindo as suas rotas normais, colaram os cartazes nas superfícies transitoriamente disponíveis da cidade, no processo repetido de mudar, a cada madrugada, a paisagem urbana. Já as frases dos cartazes propunham mudanças na paisagem menos transitórias, mais duradouras, estabelecendo aí o primeiro paradoxo. Como alternativa à retórica desse parlatório político surdo-mudo que toma conta da cidade nas vésperas das eleições, foi oferecida a “palavra que manifesta o desentendimento”, ação direta e duplamente direcionada ao âmbito da prática espacial.

Se o primeiro paradoxo da ação está na coincidência efemeridade/permanência, o segundo para-

doxo está na associação do cartaz com um nome, rosto ou partido. As frases, sem assinatura, se lançavam livres para serem captadas e capturadas por qualquer nome, rosto ou partido. Sem reivindicação de autoria, as palavras veiculadas pelos cartazes coloridos procuravam resgatar, no deserto político em que nos encontramos, o vínculo entre *as palavras e as coisas*. Enquanto coisas, as palavras desenham propostas, imaginários, paisagens e práticas de código aberto: disponíveis à livre apropriação, concretização no território e, inclusive, ao intercâmbio nacional – do rio Arrudas partimos ao Tietê e ao Capibaribe, numa bacia hidrográfica fictícia conectada pela ideia de nadar, pescar e navegar novamente nos nossos rios mortos.

Também presentes em adesivos, cartazes, cavaletes, sacolas e camisetas, as cinco frases iniciadas por um *hashtag* configuram espécies de pílulas de projetos para o espaço público. Conformam uma prática espacial que aplica a palavra na paisagem política árida e, ao mesmo tempo, reivindica o uso coletivo e público do espaço cada vez mais privatizado. Os projetos urbanos, ao não apresentarem um desenho técnico específico, são formulados para a legibilidade de qualquer um e para a livre imaginação de todos. Sinalização para imaginários ao mesmo tempo novos e nostálgicos; estratégicos e retrospectivos. ■







